

apresentado, e maiormente a ti, ó Rei Agrippa, a fim de ter que escrever-lhe, depois de feita a informação.

27 Porque me parece sem razão remetter hum homem prezo, e não informar das accusações que lhe fazem.

CAPITULO XXVI.

Falla de Paulo diante de Agrippa. Resumo da sua conversão. Festo diz, que o muito saber lhe tinha perturbado o juizo. Agrippa reconhece a sua innocencia.

DISSE pois Agrippa a Paulo: A ti se te permite fallar em defeza de ti mesmo. Então Paulo estendendo a mão, começou a dar razão de si.

2 Devendo eu fazer hoje a minha defenza na tua presença, ó Rei Agrippa, de tudo quanto me accusão os Judeos, me tenho por ditoso,

3 Maiormente sabendo tu todas as cousas, e os costumes, e questões que ha entre os Judeos; pelo que eu te supplico me ouças com paciencia.

4 E quanto á minha vida désda mocidade, que eu observei dés daquelle principio entre a minha gente em Jerusalem, he certo que a sabem todos os Judeos:

5 Conhecendo-me dés dos meus principios (se quizerem dar disso testemunho) porque eu segundo a seita mais segura da nossa Religião vivi Fariseo.

6 E agora sou accusado em juizo por esperar a promessa, que foi feita por Deos a nossos pais.

7 A qual as nossas doze Tribus, servindo a Deos de noite, e de dia esperão ver cumprida. Por esta esperanza, o Rei, sou accusado dos Judeos.

8 Reputa se no vosso conceito por alguma cousa incrível, que Deos resuscite os mortos?

9 E eu na verdade tinha para mim que devia fazer a maior resistencia contra o nome de Jesus Nazareno.

10 E assim o fiz em Jerusalem, e eu encerrei em carceres a muitos Santos, havendo recebido poder dos Principes dos Sacerdotes: e quando os fazião morrer, consenti tambem nisso.

11 E muitas vezes castigando-os por todas as Synagogas, os obrigava a blasfemar: e enfurecendo-me mais e mais contra elles, os perseguia até nas Cidades estrangeiras.

12 Levado destes intentos hindo a Damaseo com poder, e commissão dos Principes dos Sacerdotes,

13 Ao meio dia vi, ó Rei, no caminho hum luz do Ceo, que excedia o resplendor do Sol, a qual me cercou a mim, e aos que hião comigo.

14 E como todos cahissemos por terra, ouvi hum voz, que me dizia em lingua Hebraica: Saulo, Saulo, porque me per-

segues? dura cousa te he recalcitrar contra o aguilhão.

15 Então disse eu: Quem és tu, Senhor? e o Senhor me respondeo: Eu sou Jesus, a quem tu persegues.

16 Mas levanta-te, e põe-te em pé: porque eu por isso te appareci, para te fazer ministro, e testemunha das cousas que viste, e doutras, que te hei de mostrar em minhas appareições,

17 Livrando-te do povo, e dos Gentios, aos quaes eu agora te envio,

18 A abrir-lhes os olhos, a fim de que se convertão das trévas á luz, e do poder de Satanaz a Deos; para que recebão perdão de seus peccados, e sorte entre os Santos pela fé, que ha em mim.

19 Pelo que, ó Rei Agrippa, não fui desobediente á visão celestial:

20 Mas préguei primeiramente aos de Damasco, e depois em Jerusalem, e por toda a terra de Judea, e aos Gentios, que fizessem penitencia, e se convertessem a Deos, fazendo dignas obras de penitencia.

21 Por esta causa os Judeos, estando eu no Templo, depois de prezo me intentarão matar.

22 Mas assistido eu do soccorro de Deos, permaneço até ao dia d'hoje, dando testemunho d'isso a pequenos e a grandes, não dizendo outras cousas fóra d'aquellas, que disserão os Profetas, e Moysés que havião de acontecer,

23 Que o Christo havia de padecer, que seria o primeiro da resurreição dos mortos, e para annunciar a luz ao povo, e ás Gentes.

24 Dizendo elle estas cousas, e dando razão de si, disse Festo em alta voz: Estás louco, Paulo: as muitas letras te tirão de teu sentido.

25 Então Paulo: Eu não estou louco, disse, Optimo Festo, mas digo palavras de verdade, e de prudencia.

26 Porque destas cousas tem conhecimento o Rei, em cuja presença fallo até com toda a liberdade: pois creio que nada d'isto se lhe encobre. Porque nenhuma destas cousas se fez alli a hum canto.

27 Crês, ó Rei Agrippa, nos Profetas? Eu sei que crês.

28 Então Agrippa disse a Paulo: Por pouco me não persuades a fazer-me Christão.

29 E Paulo lhe respondeo: Prouvera a Deos que por pouco e por muito, não sómente tu, senão tambem todos quantos me ouvem se fizessem hoje taes qual eu tambem sou, menos estas prisões.

30 Então se levantarão o Rei, e o Presidente, e Berenice, e os que estavam assentados com elles.

31 E havendo-se retirado á parte, fallarão hum com outros, dizendo: Este homem pois não fez cousa, que seja digna de morte, nem de prizão.

32 E Agrippa disse para Festo: Elle podia ser solto, se não tivesse appellado para o Cesar.

CAPITULO XXVII.

Paulo he remettido prezo a Roma. O vento contrario o faz arribar a Creta. Aconselha que invernem alli. Não estão pelo seu parecer, e huma furiosa tempestade faz naufragar o navio. Alião toda a carga, e equipagem. Paulo lhes promette a vida a todos. Todos se salvão, ou a nado, ou sobre pranchas.

MAS como se determinou enviallo por mar á Italia, e que Paulo fosse entregue com outros prezos a hum Centurião da Cohorte Augusta, por nome Julio.

2 Embarcando num navio de Adruméte, levantámos ancora começando a costear as terras da Asia, perseverando em nossa companhia Aristarco Macedonio de Thessalonica.

3 Ao dia seguinte porém chegámos a Sidon. E Julio usando de humanidade com Paulo, lhe facultou ir ver seus amigos, e prover-se do que havia mister.

4 E feitos dalli á véla, fomos navegando abaixo de Chypre, por nos serem contrarios os ventos.

5 E tendo atravessado o mar da Cilicia, e da Pamfylia, chegámos a Listra que he da Lycia;

6 E achando alli o Centurião hum navio de Alexandria que fazia viagem para Italia, fez-nos embarcar nelle.

7 E como por muitos dias navegassemos lentamente, e apenas pudessemos avistar a Gnido, sendo nos contrario o vento, fomos costeando a Ilha de Creta junto a Salmóna:

8 E navegando com difficuldade ao longo da costa, abordámos a hum lugar, a que chamão os Bons Pórtos, com quem visinhava a Cidade de Thalassa.

9 E como se tivesse passado muito tempo, e não fosse já segura a navegação, pelo motivo de haver até já passado o jejum, Paulo os alentava,

10 Dizendo-lhes: Varões vejo que a navegação começa a ser trabalhosa, e com muito damno, não sómente do navio, e da sua carga, mas ainda das nossas vidas.

11 Porém o Centurião dava mais credito ao Mestre, e ao Piloto, do que ao que Paulo lhes dizia.

12 E como o porto não era azado para invernar, forão os mais delles de parecer que se passasse a diante, a ver se d'alguma sorte podião, em ganhando Fenice, invernar alli, por ser este hum porto de Creta, o qual olha ao Africo, e ao Còro.

13 Começando porém a ventar brandamente o Sul, cuidando elles que tinham o que desejavão, depois de levantarem ancora de Asson, hião costeando Creta.

14 Mas não muito depois veio contra a mesmo Ilha hum tufão de vento que he chamado Euro-aquilão.

15 E sendo a não arrebatada, e não podendo resistir ao vento, eramos levados; deixada a não aos ventos.

16 E arrojados da corrente a huma pequena Ilha, que se chama Cauda, apenas pudemos ganhar o esquite.

17 Tendo-o trazido a nós, elles se valião de todos os meios, cingindo a não, temerosos de dar na Syrte caladas as vélas, erão assim levados.

18 E agitados nós da força da tormenta, ao dia seguinte alijárão:

19 E ao terceiro dia também arrojárão com as suas mãos os apparelhos da não.

20 E não apparecendo por muitos dias Sol, nem estrellas, e ameaçando-nos huma não pequena tempestade, tínhamos já perdida toda a esperanza de chegarmos a salvamento.

21 E havendo todos estado muito tempo sem comer, levantando-se então Paulo no meio delles, disse: Era por certo conveniente, ó varões, seguindo o meu conselho, não ter sahido de Creta, e evitar este perigo, e damno.

22 Mas agora vos admoesto que tenhais bom animo: porque não perecerá nenhum de vós, senão sómente o navio.

23 Porque esta noite me appareceo o Anjo de Deos, de quem eu sou, e a quem sirvo,

24 Dizendo: Não temas Paulo, importa que tu compareças ante o Cesar: e eu te annuncio, que Deos te ha dado todos os que navegão contigo.

25 Pelo que, ó Varões, tende bom animo: porque eu confio em Deos, que assim ha de succeder, como me foi dito.

26 Porém he necessario que vamos dar a huma Ilha.

27 E quando chegou a noite do dia quatorze, indo nós navegando pelo mar Adriatico perto da meia noite suspeitárão os marinheiros que estavam perto d'alguma terra.

28 E lançando elles a sonda achárão vinte passos: depois hum pouco mais a diante, achárão quinze passos.

29 E temendo que dessemos em alguns penedos, lançando quatro ancoras dés da poppa, desejavão que viesse o dia.

30 E procurando os marinheiros fugir do navio, depois de lançarem o esquite ao mar, com o pretexto de começarem a largar as ancoras da proa,

31 Disse Paulo ao Centurião, e aos soldados: Se estes homens não permanecerem no navio, não podereis vós salvar-vos.

32 Então cortárão os soldados os cabos ao esquite, e deixarão-o perder.

33 E entretanto que o dia vinha, rogava Paulo a todos que comessem alguma cousa,